

LINGUAGEM E INSTAURAÇÃO DO SENTIDO: PARA ALÉM DO DOMÍNIO DA SUBJETIVIDADE

Rogério José Schuck*

Resumo: O ideal do domínio pleno da subjetividade frente ao conhecimento tem se mostrado insuficiente para dar conta da questão da compreensão e instauração do sentido. A compreensão, numa perspectiva heideggeriana, pode tirar o homem da inautenticidade e superficialidade existencial. Frente à impossibilidade de domínio pleno da linguagem, somos instigados por Heidegger a repensar o lugar da subjetividade. Ao invés da subjetividade ser o centro criador do sentido de tudo, é o ser que dá sentido à subjetividade. Portanto, a subjetividade não desaparece, sendo que é justamente na linguagem, sobretudo na poesia, que o sentido mais profundo do ser poderá se manifestar.

Palavras-chave: subjetividade; sentido; linguagem; *Dasein*; compreensão.

Abstract: The ideal of the absolute domain of the subjectivity before the knowledge has been insufficient to respond to the subject of comprehension and establishment of the meaning. The comprehension based on a Heideggerian perspective may draw the human being from the inauthenticity and existential superficiality. Due to the impossibility of the absolute domain of the language, we are being called by Heidegger to rethink upon the place of the subjectivity. Instead of being the generator of all the meaning, it is the being that gives the meaning to it. Thus, the subjectivity does not disappear, it is in the language, overall in the poetry, that the deeper meaning of the being can be expressed.

Key words: Subjectivity; meaning; language; being; comprehension.

* Professor da UNIVATES – Centro Universitário.

APROXIMAÇÕES À COMPREENSÃO HEIDEGGERIANA SOBRE A QUESTÃO DA LINGUAGEM

Ao chegarmos ao início do Século XXI, percebemos um problema muito sério, a massificação do ser. O homem vai, por assim dizer, sendo vítima de suas próprias fiações. O conteúdo mais profundo e a significação das coisas da vida humana começam a se ausentar. Então o que acontece? O homem inautêntico. Não tem mais acesso à profundidade de sua vida, de seu ser, conforme Realle e Antiseri (1991).

Cada vez mais a linguagem tornou-se um fenômeno de superfície¹. É possível aprofundarmos essa discussão à base de Heidegger, que nos leva a perceber que há certas linguagens na vida humana que aparecem muito estranhamente. Uma vez ou outra, ele fala na linguagem da religião que não tem mais ideal. As coisas ficaram alheias à vida, houve um desengate entre o sentido mais profundo da vida com a própria vivência.

É nesse aspecto que Heidegger (1995) busca recuperar o sentido mais profundo. E ele o faz, sobretudo na linguagem da poesia, onde tudo fala de uma mesma totalidade que é o ser. Todos os poemas falam de um único poema. O ser é o todo do poema, ao passo que o poema é feito do todo. Nele "a comunicação das possibilidades existenciais da disposição, ou seja, da abertura da existência, pode se tornar a meta explícita do discurso 'poético'", p. 221.

Nessa perspectiva ele vê a possibilidade de emergir uma outra configuração do que seja a linguagem e uma outra experiência de vida, seja do sentido do mundo, seja do sentido da vida humana. Em síntese, uma outra compreensão do que seja o ser humano.

Heidegger não pretende eliminar a ciência moderna, a técnica, a linguagem instrumental num sentido amplo. O que ele busca parece ligar-se mais à questão de buscar na poesia um complemento necessário e indispensável para poder salvar o homem de sua existência inautêntica, num mundo em que, justamente por causa da absolutização de uma das dimensões da existência, se perdeu o sentido profundo da própria existência.

A linguagem na poesia, que parece - frente ao uso da informação da linguagem precisa - ser vaga, ambígua, confusa, é que guarda a vinculação com a vida e faz emergir o sentido da vida, onde o discurso surge como a articulação em significações da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo, ainda Heidegger (1995).

Surge, nesse contexto, como exigência fundamental do nosso tempo, a formalização da linguagem. Uma linguagem não-formalizável é considerada invisível, logo, não válida. Para Heidegger, a formalização da linguagem é apenas uma das revelações possíveis da linguagem. É a linguagem vinculada à subjetividade. A grande questão da Filosofia é, segundo ele, superar a teoria da subjetividade e, conseqüentemente, essa maneira de entender o mundo. Para a modernidade, a linguagem é obra da subjetividade, ao passo que Heidegger "pretende encontrar a perspectiva geral dentro da qual o ser do ente pode manifestar-se na sua plena verdade" (MacDowell, 1993, p. 124).

A grande questão que se coloca é se o caráter instrumental da linguagem dá conta daquilo que, em última instância, é a linguagem. Não é exatamente essa consideração da

¹ Há uma forte tendência em tornar tudo muito superficial, de modo a conter o máximo no mínimo possível. No entanto, não há praticamente a preocupação com o sentido mais profundo do termo ou conceito empregado, apenas sua utilidade enquanto instrumento necessário.

linguagem humana que nos leva a compreender que o grande problema da Filosofia contemporânea é a superação do paradigma da subjetividade? Não seria esse o problema fundamental de nossa época? Superar a filosofia da subjetividade e tornar possível no mundo o sujeito, o objeto, o homem, o mundo. Tudo isso não teria que mudar, se nós pensássemos a partir de um outro modo? Será possível fazê-lo sem recorrer ao modelo das ciências objetificadoras?

Todo o esforço de Heidegger vai na direção de fazer surgir um novo modo de compreensão, e nisso ele busca dar um passo para trás, não no sentido de recuar, mas no sentido de descer para trás da subjetividade. Aí vamos compreender que a subjetividade não se entende a partir de si mesma, ela é, por assim dizer, carregada por um sentido que é anterior. Parece que Heidegger como que passa por dentro da própria subjetividade, indo mais a fundo, quase que descendo para trás dela mesma. "O que se abre na compreensão, o compreendido, é sempre de tal modo acessível que pode explicitar-se em si mesmo 'como isto ou aquilo'" (Heidegger, 1995, p. 205). Portanto, a subjetividade não consegue entender-se a si mesma, não pode tomar a si como objeto, pois, para Heidegger, a própria interpretação está fundada numa "concepção prévia", p. 207.

Nessa perspectiva, todo sentido se articula pela mediação da linguagem. Ela é mediação intratranscendível de todo e qualquer sentido, mas não é a doadora do sentido. Falar da linguagem significa, pois, falar dos fundamentos. Ela emerge como a forma mesma de fazer Filosofia primeira. Lembramos que Heidegger e também Gadamer opõem-se radicalmente ao modelo da subjetividade. Nesse sentido, irão investir na necessidade de retirar o domínio do sujeito em sua situação frente ao mundo. Nesse aspecto, gostaríamos de salientar que a hermenêutica evidencia a descoberta de que a constituição do sentido é histórica. O sentido se gesta intersubjetivamente, de geração em geração, sendo que o lugar onde é gerado é na história. Dessa forma, a linguagem não pode ser dominada por aquele que se movimenta desde sempre dentro dela. O homem não é mais o dono, no sentido de determinador da linguagem, antes ele é mais conduzido por ela do que o seu condutor².

A linguagem é mediação de acesso ao real. Aplicando-se isso à atualidade, significa dizer que, no século XX, se dá um deslocamento da reflexão transcendental. Ao invés de perguntarmos pelas condições transcendentais na consciência, agora nos perguntamos sobre as condições de possibilidade do conhecimento intersubjetivo.

Stein (1988, p. 28), a esse respeito, referindo-se aos elementos novos, diz:

Em lugar da consciência põe-se uma hermenêutica do ser-aí; em lugar da transparência põe-se a inelutabilidade do ser histórico, do dado; em lugar da teoria pura da tradição, introduz-se a descoberta da idéia da compreensão do ser-no-mundo, já sempre jogado no mundo e historicamente determinado; em lugar do ideal do pensamento puro da teoria tradicional, a idéia de uma práxis que antecipa toda divisão entre teoria e práxis e faz do conhecimento um modo derivado da constituição ontológica do ser-aí; enfim, o nó górdio da teoria tradicional do conhecimento é cortado com a eliminação da idéia de uma justificação ontológica possível.

Para além da problemática da linguagem, entra na Filosofia de hoje o problema do sujeito. Em Heidegger, na verdade ele nunca desaparece, mas ocupa um lugar diferenciado.

² A esse respeito veja-se Gadamer quando analisa o jogo como fio condutor da virada ontológica.

Com a superação da teoria da subjetividade, em Heidegger não desaparece a subjetividade, ela é deslocada. Ao invés da subjetividade ser o centro criador do sentido de tudo, agora é o ser que dá sentido à subjetividade³. A subjetividade enquanto compreensibilidade é *Dasein*⁴. Aqui o específico do sujeito é re-velar, a-colher. Por isso, Heidegger vai dizer que a linguagem do homem, enquanto ser da linguagem, é "a casa do ser"; "pastor do ser", conforme Realle e Antiseri (1991, p. 590). Quer dizer, é a esfera, é a instância onde o sentido se re-vela, se re-trata. O sentido se dá no *Dasein*, mas este não constitui o sentido. O "nós" cotidiano sustenta a consciência enquanto sentido.

Heidegger (1995) tem claro que o ente se abre em sua possibilidade. Para ele, sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Ou então, aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão. Sendo assim, Heidegger (1995, p. 208) "sentido é a perspectiva em função da qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo".

O sentido é um existencial do *Dasein* e não uma propriedade colada sobre o ente, de modo que Heidegger (1995, p. 208) diz: "somente o *Dasein* pode ser com sentido ou sem sentido. Isso significa: o seu próprio ser e o ente que se lhe abre podem ser apropriados na compreensão ou recusados na incompreensão".

A experiência do sujeito é não poder determinar o espaço dentro do qual sua compreensão se dá. Podemos afirmar que em Heidegger (1995, p. 209): "a compreensão enquanto abertura do 'Da' sempre diz respeito a todo o ser-no-mundo. Em toda compreensão de mundo, a existência também está compreendida e vice-versa". Nesse sentido, o sujeito coloca-se frente ao objeto, não como tábula rasa, porém, também não como aquele que detém o poder de determinar o que é compreensível à base de sua subjetividade. A relação aproxima-se muito mais da alteridade do que da dominação e subordinação. Entra em jogo todo o conhecimento prévio que o sujeito já traz consigo, ou seja, a historicidade não pode ser ignorada, é ela que, em última análise, abre o espaço dentro do qual o *Dasein* se torna efetivo.

Nesse aspecto, Gadamer vai além de Heidegger, ao demonstrar que, no caso da interpretação de um texto, não podemos ignorar que a compreensão não é livre de "pré-supostos". É justamente nesse aspecto da abertura à alteridade do próprio texto, "à opinião do outro ou à do texto" e "deixar-se dizer algo por ele" (Gadamer, 1996, p. 335), coisa que Heidegger não concebia, que Gadamer vai além. Por limite de espaço, deixamos essa afirmação sob forma de tese.

³ "Qualquer ontologia, mesmo se de caráter existencial, está comprometida com o ponto de partida da subjetividade. O sentido de ser não é condicionado pela compreensão de ser. Pelo contrário, é o ser que determina o destino do pensar humano" (MacDowell, 1993, p. 199).

⁴ O conceito *Dasein* é de difícil tradução. Na verdade, não há no português uma palavra que indique com precisão seu sentido. Foi traduzido, por exemplo, como "eis-aí-ser", "estar-aí", "ser-aí", "presença". Na perspectiva em que estamos abordando, é importante destacar que não deve ser compreendido no sentido passivo, como é o caso de simplesmente "jogado" no mundo. "Sein" revela um princípio de ação frente ao mundo, ou, dito de outro modo, uma necessidade de se "projetar", de modo que o ser "é" pelo que faz ou deixa de fazer no aí concreto, conforme possibilidade e limites que o mundo lhe oferece. Ao passo que "Sein" parece também mostrar a abertura ao devir, revelando a infinitude do processo de construção de nosso ser mergulhado na finitude do existir concretamente "agora". Optamos por deixá-lo no alemão, a fim de evitar possíveis equívocos, porém não deve ser entendido como sinônimo de existência. Talvez um sentido mais aproximado seria o "ser-aí", ou então "estar-aí". Entretanto, dever-se-ia entender "Sein", como princípio ativo, a saber, é um aí que não está simplesmente jogado, mas que "é-aí-sendo", dizendo-o de modo exagerado.

2 A IMPOSSIBILIDADE DA SUBJETIVIDADE MANTER O DOMÍNIO

Não é que a subjetividade desaparece, mas, ao invés de ela ser o sentido do ser, o ser é um projeto do sujeito; portanto, o sujeito é o "Da" do "Sein". O "aí" do "ser", ele é "ser-aí". Ele "está aí", nele se revela o sentido. A questão sobre o sentido do ser só é possível quando se dá uma compreensão do ser. A compreensão do ser pertence ao modo de ser deste ente que denominamos *Dasein*. Quanto mais originária e adequadamente se conseguir explicar esse ente, maior a segurança do alcance na caminhada rumo à elaboração do problema ontológico fundamental (Heidegger, 1995, p. 266). Nele vem à tona o sentido do ser, sem, no entanto, desaparecer o problema do sujeito, ou seja, ele é repensado.

Assim sendo, busca-se "atingir a dimensão mais profunda e antecipadora, onde se dá uma unidade entre mundo e estar-aí, no complexo e ao mesmo tempo simples modo de ser-no-mundo em que o estar-aí já sempre se compreende" (Stein, p. 117-118).

Compreendemos o ser, na medida em que conseguimos ampliar a abertura do espaço onde se dá o conhecimento dos entes. Em outras palavras, a pergunta pelo ente aponta para o ser. "Qualquer conhecimento se realiza já sempre na base do modo de ser do estar-aí, modo de ser que denominamos 'ser-em', isto é, o já-sempre-estar-junto-de-um-mundo" (Stein, p. 26). Nesse sentido, o transcendental é uma característica da minha compreensão do ser, não dos entes ou do ser propriamente dito. Isso porque acima da realidade está a possibilidade. "De fato, apenas enquanto o ser-aí é, ou seja, a possibilidade ôntica de compreensão do ser, 'dá-se' ser. Se o ser-aí não existe, também nem 'independência' nem 'em si' podem 'ser'" (Heidegger, 1995, p. 279).

Para Heidegger (1995), o ser do "Da" do *Dasein* se sustenta na disposição enquanto estrutura existencial. Desse modo:

dizer que o *Dasein* existindo é o seu Da, significa, por um lado, que o mundo está 'pre-sente', o seu *Dasein* é o ser-em. Este é e está igualmente 'presente' como aquilo em função de que o *Dasein* é. Nesse em função de, o ser-no-mundo existente se abre como tal. Chamou-se essa abertura de compreensão (Heidegger, 1995, p. 198).

No sentido de existência, essa compreensão sempre remete ao ser desse poder-ser, nunca simplesmente dado, mas que "é" junto com o ser do *Dasein*. Não se encontra desvinculado, pois é a possibilidade de ser que está entregue à sua responsabilidade, de modo que é a possibilidade que lhe foi inteiramente lançada (Heidegger, 1995, p. 199).

Conforme Heidegger (1995, p. 200), "esse 'saber' não nasce primeiro de uma percepção imanente a si mesmo, mas pertence ao ser do Da do *Dasein* que, em sua essência, é compreensão". Significa dizer que "compreender é o ser existencial do próprio poder-ser do *Dasein*, de tal maneira que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser" (p. 200). Isso também aparece claramente, quando Heidegger diz que, "na compreensão, o *Dasein* projeta seu ser para possibilidades" (p. 204), sendo estas como que aberturas. Tal projetar da compreensão tem a possibilidade própria de se elaborar em formas, as quais denomina "interpretação", que se funda existencialmente na compreensão, e não vice-versa. É onde a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa. "Interpretar não é tomar conhecimento de que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas na compreensão" (p. 204). O compreendido, aquilo que se abre na compreensão, "é sempre de tal

modo acessível que pode explicitar-se em si mesmo como isto ou aquilo" (p. 205), ou seja, "o 'como' constitui a estrutura da explicitação do compreendido; ele constitui a interpretação" (p. 205), sendo que "isso só é possível pelo fato de já se oferecer para ser pronunciado" (p. 206).

Heidegger (1995) vai defender que tudo o que está à mão sempre já se compreende, a partir da totalidade conjuntural. Segundo ele, "o que acontece é que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, a compreensão já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe" (p. 206). Dessa forma, pode-se falar numa "visão prévia", sendo que, enquanto abertura do Da, sempre diz respeito a todo ser-no-mundo. Ele expressa isso dizendo que, "no projeto da compreensão, o ente se abre em sua possibilidade" (p. 208). Não se trata, portanto, de jogar no vazio ou sobre a nudez de algo, mas, sim, de que o "caráter de possibilidade sempre corresponde ao modo de ser de um ente compreendido" (p. 208).

Podemos percebê-lo mais claramente quando Heidegger (1995, p. 208) diz:

Se junto com o ser do *Dasein* o ente intramundano também descobre, isto é, chega a uma compreensão, dizemos que ele tem sentido. Rigorosamente, porém, o que é compreendido não é o sentido, mas o ente e o ser. Sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão.

Portanto, não significa que a compreensão seja sentido: "o que é compreendido não é o sentido, mas o ente e o ser" (Heidegger, 1995, p. 208). Porém, não existe acesso à compreensão dos entes, sem passar pela compreensão do ser. O sentido surge como um espaço próprio, uma espécie de mediação em que o *Dasein* pode manifestar-se aos entes.

Essa manifestação do *Dasein* sempre conserva um aspecto de ocultamento, possibilitando, no entanto, a apreensão de um sentido que possibilita uma compreensão. Uma compreensão, e não a compreensão. Isso tudo remete à idéia de que o sentido nasce a partir de formas de mediação, que não remetem a ele, como se fosse objeto, mas enquanto contexto a ser criado, dentro de uma determinada consciência da realidade. O sentido surge enquanto resultado de uma experiência ou, em outras palavras, ele é como que a gestação de algo que não pode chegar a ser captado totalmente na compreensão de um sujeito, que também está envolto no processo.

Nesse contexto a razão em si mesma não pode ser considerada o ponto de partida do conhecimento, assim como não pode ser considerada o fim último. Ela mesma está sendo inserida dentro de um contexto de sentido que a determina. Algo está a nosso dispor, algo enquanto algo é captado e que, em parte, conseguimos "dizer", "transmitir", "revelar" pela linguagem, sendo que não é a linguagem que detém o poder de determiná-lo e nem manifestá-lo em sua totalidade.

Assim sendo, o "*Dasein* só tem sentido na medida em que a abertura do ser-no-mundo pode ser 'preenchida' por um ente que nele se pode descobrir. Somente o *Dasein* pode ser com sentido ou sem sentido" (Heidegger, 1995, p. 208). Em outras palavras, compreendemos na medida em que há o "des-ocultamento", o "des-cobrimto" da constituição do ser da existência.

Heidegger (1995) não se coloca, nem do lado de um metodologismo, nem de um fundamentacionismo. Entre Heidegger e Gadamer há uma certa proximidade; aliás, podemos dizer que Gadamer é impensável sem Heidegger. A tese fundamental está no fato de todo

intérprete estar envolvido e imbuído na interpretação. Entretanto, o *Dasein* é constituído de comportamentos ontológicos, de modo que não é possível pensar algo antes. A realidade é depois do *Dasein*. Aqui entra a característica do cuidado como o já-sempre-no-mundo. Não existe nada, a não ser via interpretação. Só porque interpretamos as coisas passam a "ex-istir". Isso remete ao aspecto ontológico.

As modificações da temporalidade é que possibilitam o *Dasein*. Possibilidade não é o que vem, mas o que é, é o *Dasein*. "A experiência do ser-no-tempo das representações coloca, de modo igualmente originário, algo que se transforma 'em mim' e algo que permanece 'fora de mim'" (Heidegger, 1995, p. 270). Acima da realidade está a possibilidade; o sentido está, pois, ligado ao poder-ser, portanto, é possibilidade.

Então a linguagem, para Heidegger, não é simplesmente um objeto presente, que está diante de nós, mas todo pensar já se faz linguagem. Quer dizer, a linguagem é mediação de meu acesso ao mundo. Todo pensar se faz numa abertura, e uma abertura de sentido que se articula lingüisticamente. Em outras palavras, é um espaço lingüisticamente mediado, no qual se abre para nós a experiência de mundo das coisas.

Linguagem é, portanto, um espaço de revelação das coisas, porque nela se diz o sentido a partir de onde eu posso perceber as coisas presentes. Então linguagem é, em primeiro lugar, um dizer do ser, com sentido. Linguagem é, para Heidegger, não em primeiro lugar representação, proposição. Não é que ele negue esse aspecto, mas, na proporção análoga a Wittgenstein, Heidegger vai dizer que a proposição não é a proposição originária. Há uma dimensão anterior à própria proposição que torna a proposição possível, e essa dimensão anterior à proposição é a doação do ser, a doação do sentido (Heidegger, 1995, p. 227).

Assim sendo, na linguagem, por assim dizer, se dá a revelação do "centro" para nós, porque a linguagem, em última instância, é desvelamento do ser. Nela o sentido radical se desvela. Porque se desvela, ele desvela também o sentido dos entes. Quer dizer que a linguagem aponta para o ser que aponta para os entes. Por isso: "A revelação do ser não pode ser obra de um ente, ainda que privilegiado como o ser-aí, mas só pode se dar através da iniciativa do próprio ser. [...] O homem não pode desvelar o sentido do ser. Ele deve ser o pastor do ser e não o senhor do ente" (Reale, Antiseri, p. 590).

A linguagem não é simplesmente informação, na maneira de manipular os objetos, mas ela é revelação do sentido dos entes, porque nela ocorre o acontecimento do ser. Nela ocorre o evento da revelação do sentido.

A abertura do sentido faz com que o sujeito possa ver com mais clareza o objeto, onde a linguagem é acima de tudo possibilidade de desvelamento. É aí que, em Ser e Tempo, Heidegger vai fazer toda uma análise do que é o homem como sentido e como a linguagem é um elemento central da nova forma de compreender o homem e a si próprio. Portanto, a subjetividade, ao que tentamos demonstrar até aqui, é convidada a repensar o seu lugar, a permitir a si mesma a manifestação do sentido mais profundo do ser, sabendo de antemão que este não pode por ela ser dominado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Custódio L. Silva de, *et. al.* **Hermenêutica filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Período clássico da hermenêutica filosófica na Alemanha**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: EPU, 1973.
- DILTHEY, Wilhelm. **El mundo histórico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1963, p. 250-339.
- _____. **Origens da hermenêutica**. In: TEXTOS de hermenêutica. Porto-Portugal: RÉS, 1984.
- DREHER, Luís H. **O método teológico de Friedrich Schleiermacher**. São Leopoldo, RS: IEPG / SINODAL, 1995.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I**: fundamentos de una hermenéutica filosófica. Salamanca: Sígueme, 1996.
- _____. **Verdad y método II**. Salamanca: Sígueme, 1994.
- _____. **Gesammelte Werke**. Bd. 3. Neuere Philosophie.-1.Hegel. Husserl. Heidegger. Tübingen: Mohr, 1987.
- GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MacDOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit. São Paulo: Loyola, 1993.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Tópicos sobre dialética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- PALMER, Richard E. **Crítica de Gadamer à estética moderna e à consciência histórica**. In: HERMENÊUTICA. Lisboa: Edições 70, 1989.
- REALLE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulinas, 1991. v. 3.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2002.

STEIN, E. A caminho de uma fundamentação pós-metafísica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

_____. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interpretação Heideggeriana. Porto Alegre: Ética Imprensa, 1967.

_____. **Crítica da ideologia e racionalidade**. Porto Alegre: Movimento, 1986.

_____. Dialética e hermenêutica. **Síntese**, n. 29, p. 21-48, 1983.

_____. **Diferença e metafísica**: Ensaio sobre a desconstrução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Instauração do sentido**. Porto Alegre: Movimento, 1977.

_____. **Seis estudos sobre "ser e tempo"**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. **Seminário sobre a verdade**: Lições Preliminares sobre o Artigo 44 de Sein und Zeit. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

